

CIÊNCIA PSICOLÓGICA E RELIGIÃO: A PERSPECTIVA DE PSICÓLOGOS DO RECÔNCAVO BAIANO

Wellington Gil Rodrigues¹

Luana de Souza, Jéssica Renata Ponce de Leon Rodrigues²

Amilcar Baiardi³

RESUMO

Este artigo busca discutir a percepção de psicólogos sobre as relações entre ciência psicológica e religião, a partir de suas filiações religiosas. A base teórica consistiu na tipologia de relações entre ciência e religião construída por Ian Barbour (2000) notadamente as categorias de Conflito, Independência e Integração. A pesquisa adotou uma abordagem quali-quantitativa e teve como principal instrumento de coleta de dados um questionário estruturado, os sujeitos foram 14 psicólogos atuantes na região do recôncavo baiano, as respostas foram transformadas em gráficos de frequência e analisadas à luz da teoria. Concluiu-se que entre as três perspectivas enfatizadas pelas perguntas, predominou categoria da Independência tanto entre os psicólogos religiosos, como nos não religiosos e antirreligiosos. A categoria da Integração também surge, mas com menor força e a mesma é enfatizada até mesmo pelos não religiosos. Parece que há uma clara rejeição da categoria do conflito por parte de todos os sujeitos da pesquisa, o que demonstra que a narrativa do conflito a qual coloca as práticas da ciência versus as crenças religiosas tem pouca aderência entre os psicólogos.

PALAVRAS-CHAVE: CIÊNCIA. RELIGIÃO. PSICÓLOGOS. RECÔNCAVO. BAIANO.

ABSTRACT

This paper discusses the perception of psychologists on the relationship between psychological science and religion, from their religious affiliations. The theoretical basis was the typology of relationships between science and religion built by Ian Barbour (2000) notably the categories of Conflict, Integration and Independence. The research adopted a qualitative-quantitative approach and had as its main instrument of data collection, a structured questionnaire, the subjects were 14 active psychologists in the Bahia region, their responses were transformed into frequency graphs and analyzed in the light of the theory. We conclude that among the three perspectives emphasized

1 Doutorando em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA), Coordenador do Núcleo de Estudos em Ciência e Religião (NECIR) e professor de Ciência e Religião da Faculdade Adventista da Bahia. E-mail: wellgil2000@hotmail.com.

2 Estudantes do curso de Psicologia da Faculdade Adventista da Bahia.

3 Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História da Ciência (UFBA) e da pós-graduação da Universidade Católica do Salvador.; e-mail: amilcarbairdi@uol.com.br.

by questions predominated category of Independence both among religious psychologists, as in nonreligious and antireligious. The category of integration also arises, but with less force and it is emphasized even by non-religious. It seems that there is a clear rejection of the category of the conflict by all the subjects, which demonstrates that the narrative of the conflict which puts the practices of science versus religious beliefs have little adherence among psychologists.

KEYWORDS: SCIENCE. RELIGION. PSYCHOLOGISTS. RECONCAVO BAIANO.

INTRODUÇÃO

As relações entre ciência e religião têm se tornado um campo fértil para pesquisas nos últimos anos. Existem várias áreas de encontro entre essas duas grandes forças culturais que influenciam a humanidade, tais como os atuais desafios postos pelos avanços das ciências biológicas. No entanto, a ciência do estudo da alma ou da mente, a psicologia, também tem gerado muitas discussões entre os porta-vozes desses dois campos. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar a percepção de psicólogos sobre as interações entre a ciência psicológica e a religião a partir de seus posicionamentos em relação à religião.

Para tanto, a base conceitual foi encontrada principalmente em Barbour (2000), o qual nos forneceu a tipologia (conflito, independência, integração) de relações entre ciência e religião a qual utilizamos para classificar a percepção dos psicólogos. O problema que guiou essa pesquisa foi: Qual a perspectiva dos psicólogos do recôncavo baiano sobre as relações entre ciência psicológica e religião? Para responder a este questionamento, foram selecionados 14 psicólogos com diferentes opções religiosas (adventistas, católicos, espíritas, sem religião e antirreligiosos), que atuam na região do recôncavo baiano, aos quais foi aplicado um questionário com perguntas estruturadas, e cujas respostas foram analisadas à luz da teoria de Barbour.

Desse modo, o trabalho ficou dividido em quatro partes: na primeira, apresentamos alguns dos encontros entre a psicologia e a religião, através da apresentação de autores que se preocuparam com essa temática; na segunda parte, tratou-se das tipologias de relações entre ciência e religião; na terceira, foi apresentada a metodologia utilizada; e a última parte, foi dedicada à apresentação e discussão dos resultados.

ENCONTROS ENTRE PSICOLOGIA E RELIGIÃO

Desde o seu início, a psicologia tem se preocupado com o fenômeno religioso, bastando lembrar-se de *As variedades da experiência religiosa* de William James (1902), a qual causou duradouro impacto no campo dos estudos de psicologia e religião e mais especificamente com a psicologia da experiência religiosa. Outro exemplo importante é o questionário de Leuba (1916) o qual visava a apresentar as crenças dos cientistas em um Deus pessoal e na imortalidade (em uma amostra de 1.000 cientistas), cujos resultados apontaram para 42% de crença e 42% de descrença em Deus por parte

dos cientistas, sendo que quando a pesquisa tem por sujeito “os grandes cientistas” a proporção dos descrentes foi de 53%. O levantamento de Leuba foi repetido por Larson e Witham (1997) os quais constataram que entre os cientistas, a descrença foi de 45% e entre os grandes cientistas, 47%, ou seja, em um espaço de 80 anos a proporção de descrentes não teve alterações drásticas, o que era contrário à expectativa do próprio Leuba, para o qual o avanço do conhecimento científico tenderia a alterar grandemente a crença em Deus. A vertente da pesquisa de Leuba e de Larson e Witham pode ser denominada de “dinâmica psicológica do cientista em relação ao objeto religioso” (Paiva 2002, p. 562), e está próxima daquilo que pretende-se nessa pesquisa.

Nesse contexto, alguns exemplos de temas onde os estudos psicológicos lidam com o fenômeno religioso podem ser vistos em: representações de Deus em adolescentes de Hutsebaut e Verhoeven (1989, 1991); práticas de oração em jovens de Janssen, Hart & Den Draak (1990).

Sendo assim, no Brasil, uma vertente de estudos que tem se destacado é a da relação entre religião e saúde mental, tome-se como exemplo Nina Rodrigues (2000, 2003) o qual já no século XIX destacava as “epidemias de loucura coletiva” no episódio de Canudos, onde misticismo, política e religião se misturaram para produzir o fenômeno de Antônio Conselheiro. Já na década de 1960, o sociólogo francês Roger Bastide (1967) procurou investigar como o pertencimento a diferentes denominações religiosas se relacionava com doenças mentais.

Também é preciso destacar a obra de Paiva⁴ (1990, 2000, 2001, 2002, 2004, 2005), o qual tem dado uma importante contribuição aos estudos da psicologia da religião no Brasil. Na obra *A Religião dos Cientistas: Uma leitura psicológica* (Paiva, 2000), apresenta dois níveis de problematização sobre as relações entre ciência e religião: o *nível epistemológico* e o *psicológico*. No primeiro tipo, ciência e religião são percebidas como duas ordens de conhecimento, e a relação entre elas gira em torno das relações entre suas distintas epistemologias. Como um exemplo dessa distinção, tem-se a questão da fonte do seu conhecimento, com a ciência utilizando-se da razão e os sentidos, e a religião da revelação. Já o segundo tipo de problematização – o psicológico – caracteriza-se pela preocupação com “as atitudes e os comportamentos dos cientistas em relação à ciência e à religião” (p. 23). De acordo com Paiva, foi exatamente essa preocupação com “a fé do cientista” que fez surgir logo no início da ciência psicológica núcleos de estudos com William James e Stanley Hall, e mais adiante com os estudos de Allport sobre a psicologia do cientista.

Portanto, levando-se em conta a posição de Paiva de que o nível psicológico não se opõe conceitualmente ao nível epistemológico, este trabalho pretende pesquisar sobre as atitudes epistemológicas dos psicólogos em relação às interações entre ciência e religião, e para isso, considera como a atitude religiosa do psicólogo influencia em seus posicionamentos sobre essas relações.

TIPOLOGIA DAS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO

Vários autores propuseram diferentes tipologias para as relações entre essas duas grandes áreas

⁴ Geraldo Jose de Paiva, Coordenador do Laboratório de Psicologia Social da Religião do Departamento de Psicologia Social da USP, Presidente do Grupo de Pesquisa “Psicologia Social da Religião”, do CNPQ.

do conhecimento. Por exemplo, McGrath (2005, p. 67), estrutura essa relação entre ciência e religião em dois polos: modelo de confronto e modelo de diálogo. O modelo de confronto enfatiza a “luta” ou até mesmo “conflito” existente entre duas linhas de conhecimento distintas (religião e ciências naturais). Já o modelo do diálogo é caracterizado pela ausência de qualquer ideia de “conflito” ou “luta” entre as ciências e a religião.

Diante disso, Barbour (2000) propõe uma tipologia quádrupla, ou seja, composta de quatro tipos principais: Conflito, Independência, Diálogo e Integração. Onde o *Conflito* implica na existência de uma oposição fundamental entre essas duas grandes matrizes de explicação da realidade.

[...] tanto o materialismo científico quanto o literalismo bíblico alegam que a ciência e a religião têm verdades literais e rivais a afirmar sobre o mesmo domínio (a história da natureza), de modo que é preciso escolher uma delas. Convergem ao dizer que ninguém pode acreditar em evolução e em Deus ao mesmo tempo. Cada um dos lados ganha adeptos, em parte, por opor-se ao outro, e ambos utilizam uma retórica de guerra. Barbour (2000, p. 25).

A *Independência* surge como uma possível solução ao conflito, pois interpreta que não há razão para haver conflitos já que ciência e religião têm objetos de estudo (ciência – como; religião – por que) e linguagem diferentes (ciências – linguagem técnica; religião – linguagem emotiva, moral).

Uma forma de evitar conflitos entre ciência e religião é mantendo essas duas áreas em compartimentos estanques. É possível discriminá-las de acordo com as *perguntas* que fazem, com os *domínios* a que se referem e com os *métodos* que empregam. [...] Se existem duas jurisdições, cada uma cuida de si mesma e não interfere nos assuntos da outra. Cada forma de investigação é seletiva e tem suas limitação. A compartimentalização é motivada não apenas pelo desejo de evitar conflitos desnecessários como também pelo desejo de lealdade ao caráter diferencial de cada área da vida e do pensamento. Barbour. (2000, p. 32).

O *Diálogo* surge nas fronteiras do campo científico com o religioso (ou vice versa), ou seja, nas questões limite, onde a ciência pode chegar, mas não ultrapassar e aí a religião encontra um lugar para trabalhar (Ex. de questões limite: O que é vida? Quando o ser humano está realmente morto? Etc.). Na tipologia de Barbour (2004, p. 38), o dialogo surge nas seguintes situações:

O diálogo modela relações mais construtivas entre ciência e religião [...], pode emergir da consideração dos pressupostos da especulação científica, ou da abordagem das semelhanças entre os métodos da ciência e da religião ou da análise dos conceitos de uma área análoga aos da outra. Ao comparar ciência e religião, o Diálogo enfatiza as semelhanças entre

pressupostos, métodos e conceitos, enquanto a independência enfatiza as diferenças.

E a *Integração* propõe uma parceria mais íntima às vezes remodelando crenças religiosas em função de descobertas científicas (Ex. abandono do fixismo por parte dos criacionistas) ou inspiração e motivação científica por conta de pressupostos religiosos.

Um gênero mais sistemático e abrangente de parceria entre ciência e religião ocorre entre aqueles que buscam uma integração mais próxima entre as duas disciplinas. A longa tradição de teologia natural tem buscado na natureza uma prova (ou pelo menos um indício sugestivo) da existência de Deus. [...] Outros autores partem de uma tradição religiosa específica e argumentam que algumas de suas crenças (ideias como onipotência divina ou pecado original, por exemplo) precisam de uma reformulação à luz da ciência. Esse gênero de abordagem é o que denomino teologia da natureza (inserida numa tradição religiosa), para diferenciá-lo da teologia natural (que raciocina a partir da ciência, apenas). Numa outra visão, é possível utilizar um sistema filosófico, tal como a filosofia do processo, para interpretar o pensamento científico e religioso dentro de um quadro conceitual comum. (2000, p. 16).

Portanto, dada as dificuldades apontadas por Haught (1995), para se fazer a distinção entre as categorias do Diálogo e da Integração, opta-se por utilizar uma tipologia tripla: Conflito, Independência e Integração, ou seja, procura-se indicar para qual dessas categorias apontam as perspectivas dos psicólogos sobre as relações entre a ciência psicológica e as crenças religiosas.

METODOLOGIA

Este trabalho utilizou uma abordagem quali-quantitativa. A parte quantitativa ficou representada através do uso de uma escala de concordância Likert e da transformação das respostas em gráficos de frequência, e a parte qualitativa na análise das respostas dos psicólogos através do uso de categorias pré-definidas.

Dessa forma, o tipo de pesquisa utilizada foi primeiramente a bibliográfica, pois foi preciso buscar informações sobre a situação atual do tema abordado através de trabalhos já realizados sobre essa temática, o que nos permitiu também estabelecer um marco teórico inicial para a análise do problema. Assim, o principal teórico utilizado foi Barbour, o qual com sua proposta de tipologia quádrupla nos forneceu as ferramentas conceituais necessárias para classificarmos as opiniões dos psicólogos entrevistados. Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo, na qual o investigador “assume o papel de observador e explorador, coletando diretamente os dados, no local (campo) em que se deram ou surgiram os fenômenos” Barros e Lehfeld (1990, p. 35).

Visando à obtenção das percepções dos sujeitos sobre as relações entre ciência psicológica e religião, selecionamos 14 psicólogos da região do recôncavo baiano com diferentes opções religiosas

(adventistas, católicos, espíritas, sem religião e antirreligiosos). O perfil dos mesmos pode ser visto no quadro abaixo:

Quadro – Perfil dos Psicólogos Entrevistados

Entrevistado	Idade	Gênero	Tempo de Profissão	Nível de Formação	Religião	Anti-religioso
P1	27	Fem	4 anos	Mestrado	Católica	Não
P2	30	Masc	6 anos	Especialização	Adventista	Não
P3	50	Fem	11 anos	Especialização	Sem Religião	Sim
P4	32	Fem	02 anos	Graduação	Espírita	Não
P5	31	Masc	6 anos	Especialização	Espírita	Não
P6	27	Fem	5 anos	Especialização	Católica	Não
P7	24	Fem	2 anos	Especialização	Adventista	Não
P8	29	Masc.	6 anos	Mestrado	Sem Religião	Não
P9	32	Masc.	8 anos	Mestrado	Adventista	Não
P10	-	Fem	6 anos	Especialização	Sem Religião	Sim
P11	55	Masc.	8 anos	Mestrado	Adventista	Não
P12	26	Fem	2 anos	Especialização	Sem Religião	Não
P13	27	Fem	4 anos	Mestrado	Católica	Não
P14	26	Fem	3 anos	Especialização	Sem Religião	Não

Uma análise do perfil dos sujeitos demonstra que a maioria deles (54%) se encontra na faixa etária de 20 a 29 anos, um terço (31%) na faixa de 30 a 39 anos e 15% na faixa de 40 a 60 anos. Há uma predominância do gênero feminino (64%), e quanto ao nível de formação, a metade é especialista, 28,6% mestres e 21,4% possuem apenas a graduação em psicologia. Quanto ao tempo que exercem a profissão, metade está na faixa de 5 a 10 anos, e 43% de 1 a 4 anos, e somente um dos entrevistados tinha mais de 10 anos de profissão. Quanto à religião, 64,3% professam seguir uma religião, enquanto 35,7% declararam que não tem religião, no entanto, entre estes “sem religião” somente 14,3% se declararam antirreligiosos, ou seja, não apoiam religiões organizadas. Em relação aos tipos de religião declarada, a maioria (28,6%) é adventista, 21,4% é católica, 14,3% é espírita.

Sendo assim, o principal instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário com perguntas estruturadas versando sobre as relações entre ciência psicológica e crenças religiosas. Para fins de apresentação das respostas dos questionários, os sujeitos foram assim denominados: P1 (Onde P = Psicólogo e 1 = número de ordem). Foi colocada após as respostas dos entrevistados a seguinte codificação: Número de Ordem; Tipo de concordância com o item; Opção religiosa. Por exemplo: P4, DC, Espírita, ou seja, Psicólogo nº 04, Discordo Completamente, Religião Espírita. Foi utilizada como critério de classificação das respostas uma escala Likert com a seguinte codificação para o tipo de concordância com o item: CC – concordo completamente; C – concordo; NN – nem concordo, nem discordo; D – discordo; DC - Discordo Completamente. Quanto à análise, os dados foram transformados em gráficos de frequência e classificados a partir de categorias pré-definidas pela teoria de Barbour.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta parte ficou dividida em três itens principais: a) Percepções Sobre Ciência e Religião, na qual os psicólogos se posicionaram sobre a sua crença em realidades sobrenaturais (materialista, espiritualista ou agnóstico), e sobre quem é Deus (um ser que mantém uma relação pessoal com os homens; um ser realmente existente, mas distante; apenas um produto da imaginação humana; um produto cultural); b) Religião e a Utilização de Práticas Psicoterápicas, na qual os psicólogos se posicionaram sobre as interações entre as crenças religiosas e as práticas psicológicas ou psicoterápicas, c) Prática religiosa e saúde mental, cujo objetivo foi captar a perspectiva dos psicólogos sobre relações entre ciência e religião a partir do seu posicionamento pessoal frente a situações específicas de tratamento para perturbações mentais.

PERCEPÇÕES SOBRE CIÊNCIA E RELIGIÃO

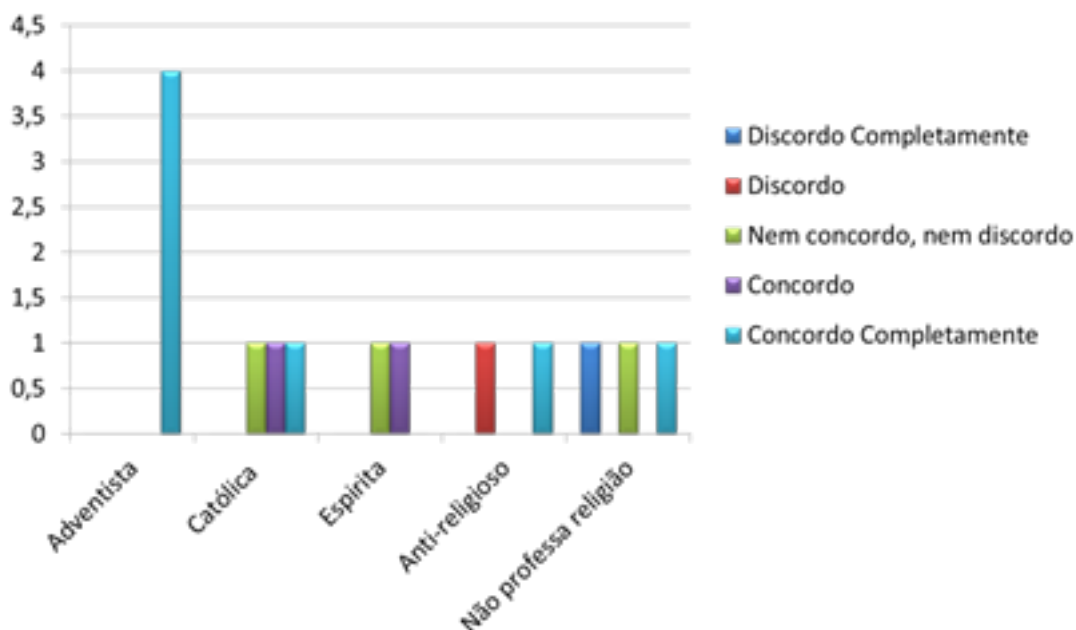
Realidades Sobrenaturais

Em relação à crença dos psicólogos sobre a existência de realidades sobrenaturais, eles tiveram como alternativas de respostas três opções: a) Materialista (Reconhece apenas as realidades materiais); b) Espiritualista (Aceita a existência de realidades sobrenaturais) e c) Agnóstico (Não se pode afirmar sobre a existência do sobrenatural). Surpreendentemente todos se declararam Espiritualistas, mesmo os sem religião e entre estes até mesmo os antirreligiosos, o que demonstra que a categoria Espiritualista é larga o suficiente para abranger até mesmo esses grupos, e demonstra também a profunda ligação espiritual dos psicólogos nessa região, independente de credo, idade, nível de formação e opção religiosa. No entanto, as diferenças surgem logo que se tenta ser mais específico quanto a como se manifesta essa espiritualidade.

Perspectiva Pessoal sobre Quem é Deus

No quesito, onde foram questionados sobre quem é Deus, na sua visão pessoal, a primeira alternativa afirmava “Alguém que mantém uma relação pessoal com os homens”, e eles demonstraram a seguinte relação de concordância: Metade concorda completamente, 22% nem concordam, nem discordam, 14% concordam, 7% discordam e 7% discordam completamente. O resultado dessa distribuição por religião pode ser visto no gráfico abaixo:

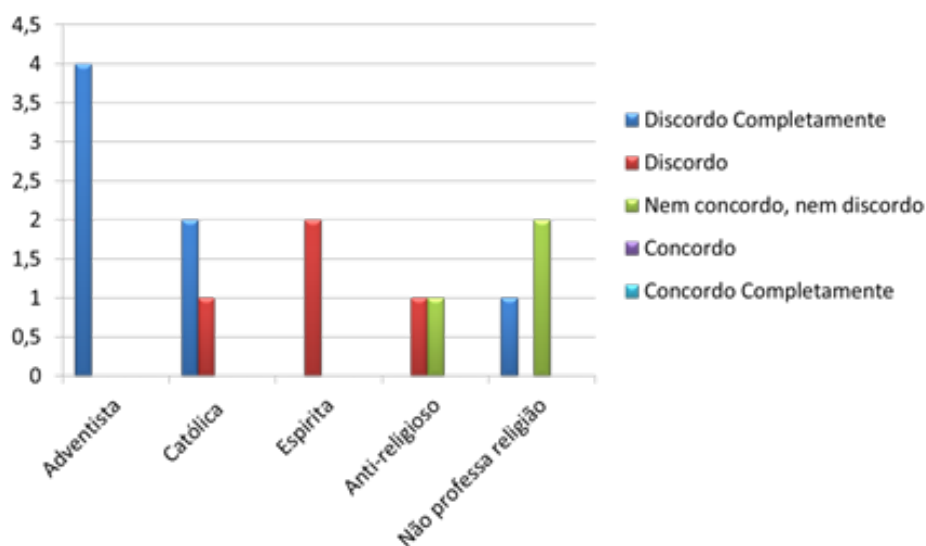
Figura 1 - Deus é alguém que mantém uma relação pessoal com os homens



Desconsiderando-se os que nem concordam, nem discordam, a grande maioria concorda e apenas 14% discordam da posição que coloca Deus como uma pessoa que se relaciona com os seres humanos, e entre os discordantes, se encontram os das categorias que não professam religião e dos antirreligiosos, no entanto, pode-se perceber que mesmo para um dos antirreligiosos existe a possibilidade de concordar completamente com essa afirmação.

Quando colocados diante da possibilidade de que Deus seja “um ser realmente existente, mas distante” a metade discorda completamente, 29% discordam, 21% nem concordam, nem discordam, e a distribuição por religião pode ser vista abaixo:

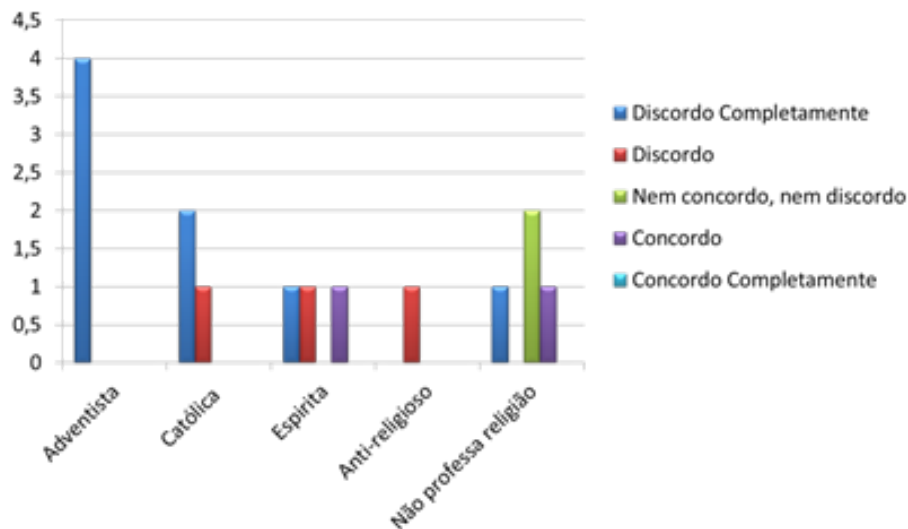
Figura 2 Deus é um ser realmente existente, mas distante



Essa opção reflete um tipo de crença relacionada com o Deísmo, ou seja, a crença em Deus como criador da natureza e de suas leis, cuja criação funciona de maneira automática e que não necessita da intervenção de Deus para sua manutenção, portanto o Deus do Deísmo não mantém relação com os seres humanos, não havendo espaço então para crença em orações, milagres, perdão, etc. Geralmente os teístas clássicos não concordam com essa perspectiva e para antirreligiosos e sem religião talvez isso seja irrelevante, o que talvez esteja por trás das respostas “nem concordo, nem discordo”.

Outra opção disponibilizada aos psicólogos coloca Deus como apenas um produto da imaginação humana, o qual os seres humanos criam para responder a algumas de suas necessidades. Nesse quesito, 57% discordam completamente e 22% discordam, 14% nem concordam, nem discordam e apenas 7% concordam.

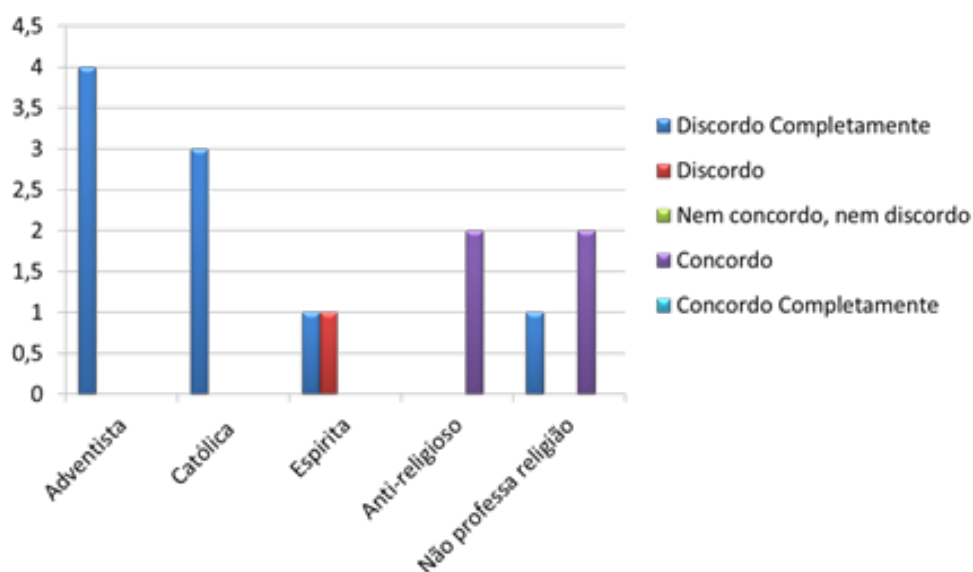
Figura 3 Deus é apenas um produto da imaginação humana



A distribuição por religião revela que os únicos que são neutros em relação a esse quesito, ou que concordam que Deus é um ser existente apenas na mente, ou seja, sem realidade objetiva, estão no grupo dos que não professam religião.

Uma última opção é a que coloca Deus como um produto cultural, algo que a sociedade leva as pessoas a interiorizarem para ter uma espécie de controle sobre elas. Essa noção de Deus está bem próxima de um sentido ideológico da teoria marxista de ópio do povo. Quanto a esse quesito 64% discordam completamente, 29% concordam e 7% discordam.

Figura 4 Deus como um produto cultural



Na distribuição das respostas por opção religiosa, pode-se observar que adventistas, católicos e espíritas discordam completamente ou discordam desse item, e somente os antirreligiosos e os que não professam religião tendem a concordar com essa perspectiva ideológica sobre Deus.

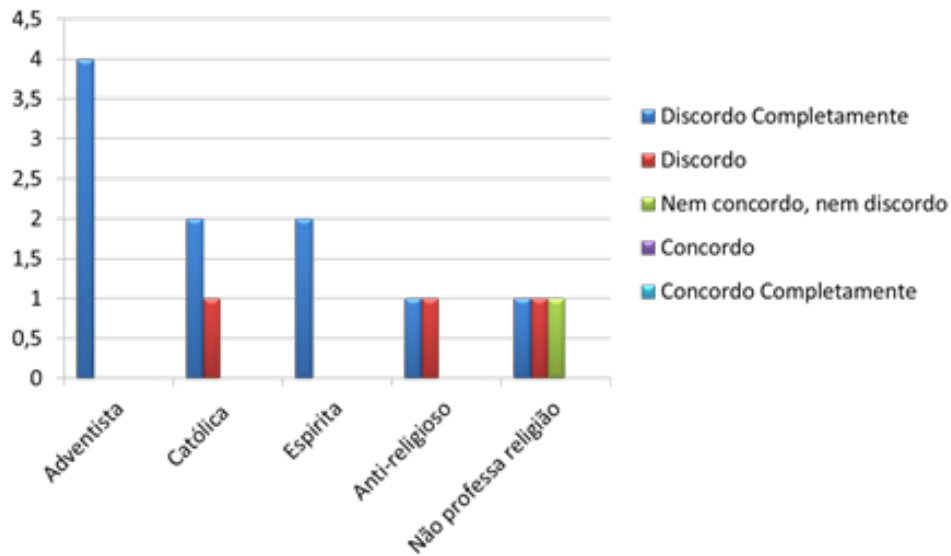
RELIGIÃO E A UTILIZAÇÃO DE PRÁTICAS PSICOTERÁPICAS

Nesse item, o objetivo foi confrontar o psicólogo com as interações entre as crenças religiosas e as práticas psicológicas ou psicoterápicas, visando a obter um quadro geral que indique qual tipo de relação entre ciência e religião predomina entre os psicólogos, e para isso, foi solicitado o nível de concordância e as respectivas justificativas para com algumas afirmações, conforme pode ser visto abaixo.

- a) O cristão verdadeiro não precisa da ajuda de técnicas psicológicas ou psicoterápicas para a resolução de problemas mentais.

O pressuposto dessa pergunta é a suficiência da crença e/ou prática religiosa na solução dos problemas de ordem mental. Está implícita na pergunta uma perspectiva de conflito na qual a religião tem total predominância. A relevância dessa pergunta se deve ao fato de que em um contexto cristão, o recurso ao psicólogo/psicoterapia é muitas vezes percebido pelos membros da comunidade de fé, e às vezes pelo próprio crente, como uma fraqueza espiritual, uma falta de fé no poder divino para curar o crente cristão. Nesse quesito, 72% discordam completamente, 21% discordam, 7% nem concordam, nem discordam.

Figura 5 Um cristão verdadeiro não tem necessidade de ajuda psicológica



Essa é uma das poucas questões que geraram praticamente uma unanimidade entre os representantes das diversas opções religiosas e não religiosas, o que demonstra uma perspectiva de valorização da própria profissão do psicólogo e da validade e eficácia de suas técnicas para conseguir um tipo de cura mental que a religião não é suficiente para suprir. Algumas das justificativas para esse item podem ser vistas abaixo:

“Todos (inclusive cristãos) estão sujeitos a sofrerem problemas psicológicos.” (P2, DC, Adventista).

“Independentemente de sua crença, toda pessoa é passível de sofrer em relação às questões de problemas mentais e psicológicos, portanto, precisa de tratamento. O fato de ser cristão não faz da pessoa um ser imune ao meio e às demandas psicológicas. O cristão ainda é ser humano!” (P5, DC, Espírita).

“Nem toda manifestação emocional ou psíquica é de cunho espiritual. É como na medicina, Deus cura, mas precisamos recorrer a médicos para nos tratarmos e até para prevenir doenças.” (P12, D, Sem Religião).

“Religião é religião, psicoterapia é ciência.” (P3, D, Antirreligioso).

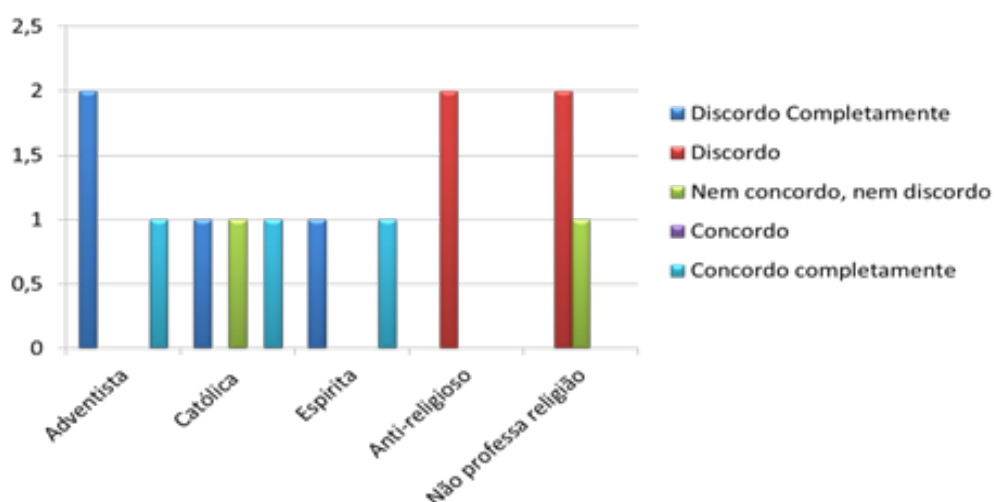
Podemos observar que as justificativas giram em torno de duas ideias: a) a ideia de que a categoria *cristão* está dentro de uma categoria mais ampla que é o *ser humano*, e como o ser humano é sujeito aos problemas psicológicos, o cristão também o é, ou seja, a religião não imuniza a pessoa desse tipo de problema; b) a ideia de que há uma separação entre corpo, mente/psique e espírito, e que portanto, cada uma dessas áreas tem um profissional responsável, o médico pelo corpo, o psicólogo pela mente, e o líder espiritual pelo espírito. Parece claro que nesse item, a relação entre ciência e religião predominante é a Independência, ou seja, que a ciência psicológica e religião têm objetos e metodologias diferentes.

- b) O profissional da psicologia, se eficientemente capacitado para exercer a sua profissão, está por definição, comprometido com uma visão não religiosa do mundo, e, portanto, a religião não tem papel relevante na sua prática terapêutica.

Aqui o pressuposto da pergunta é o Naturalismo Metafísico ou Ontológico, isto é, nos eventos mentais assim como nos eventos do mundo natural, as entidades sobrenaturais não podem ser invocadas para explicar esses eventos e que o psicólogo, que teve uma boa formação acadêmica, introjetou esses valores epistêmicos da ciência, e utilizará essa perspectiva naturalista na resolução dos problemas dos seus pacientes. Também está implícita na pergunta uma perspectiva de conflito na qual a ciência tem total predominância.

Desse modo, pode-se observar que nesse item 31% discordam completamente, 31% discordam, 23% concordam completamente e 15% nem concordam, nem discordam, e a distribuição das respostas em função da opção religiosa pode ser vista no gráfico abaixo:

Figura 6 O psicólogo está comprometido com uma visão não religiosa do mundo



“O psicólogo pode ter sua opção religiosa, porém ter um posicionamento neutro na sua prática profissional.” (P4, DC, Espírita).

“O profissional deve abranger todos os aspectos da vida do indivíduo, e a religião é um dos pontos a serem abordados, pois diz respeito à crença, valores e visão de mundo.” (P7, DC, Adventista).

“Sabendo que o homem é constituído por várias dimensões seja ela física, mental, espiritual entre outras, não podemos descartar esta dimensão espiritual.” (P10, D, Antirreligioso).

“A prática psicoterapêutica parte de uma premissa a-religiosa. O que implica num posicionamento neutro por parte do terapeuta.” (P2, CC, Adventista).

“De fato, a religião do profissional não deve interferir no processo terapêutico. Mas, para estar capacitado tecnicamente não significa que este não tenha uma religião, apenas é necessário saber quando, como, onde e porque usar ou não suas crenças pessoais.” (P12, NN, Sem Religião).

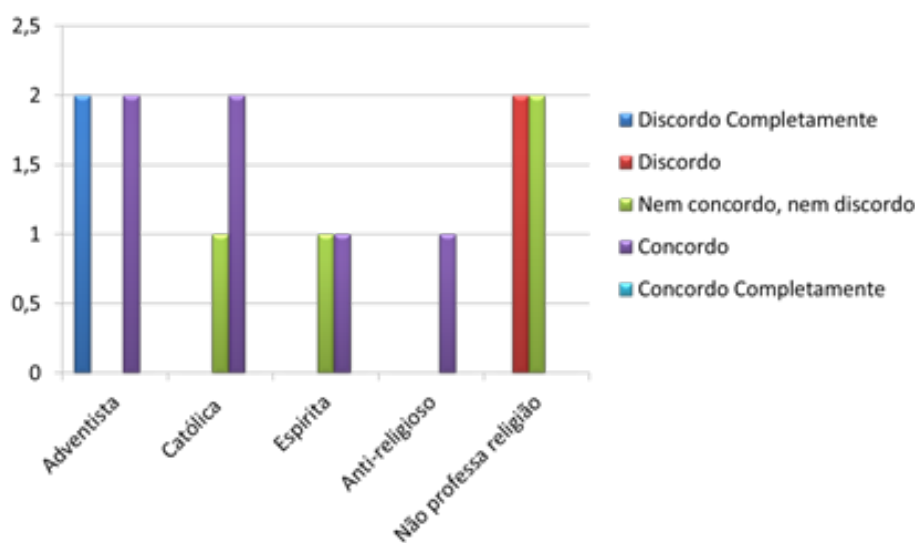
“O verdadeiro cristão [psicólogo cristão] consegue conciliar a sua prática terapêutica com os princípios bíblicos. Acima de tudo deve dar ao paciente uma fonte segura a qual ele pode sustentar-se: Cristo.” (P9, DC, Adventista).

Observa-se, diante das falas, que é muito forte a noção da necessária neutralidade do psicólogo (P2, P4, P12), ou seja, de que suas crenças (ou descrenças) religiosas pessoais não devem interferir no processo terapêutico de seus pacientes. Assim, esta perspectiva está presente mesmo entre os que discordam completamente e os que concordam completamente (P4, P2), talvez pelo fato da pergunta envolver duas questões: a) necessário comprometimento do psicólogo com uma visão não religiosa em função de sua formação; e b) a relevância do papel da religião na prática terapêutica, daí ser possível, discordar da primeira parte e concordar com a segunda. Conseqüentemente, a noção da existência de áreas diferentes no indivíduo (corpo, mente, espírito) é utilizada tanto para justificar o papel da religião no tratamento do paciente, quanto para descartá-la (P7, P10). Uma das justificativas para a discordância é de especial relevância porque corresponde a uma visão de integração entre ciência psicológica e crença religiosa (P9), a qual apresenta uma crença bastante específica, Cristo como salvador, como a solução para os problemas do paciente. Portanto, a nossa análise sobre as relações entre ciência e religião nesse item, aponta para uma relação de Independência entre as crenças religiosas do psicólogo e sua prática terapêutica.

c) a ciência psicológica e os princípios e práticas religiosas pertencem a campos separados do conhecimento, tem objetivos e linguagem diferentes, portanto não se deve misturá-los.

O pressuposto da pergunta é a categoria da Independência, ou seja, de que ciência e religião não podem estar em conflito visto que tratam de realidades diferentes. Nesse item, a maioria (43%) concorda, 29% nem concorda, nem discorda, 14% discorda e 14% discorda completamente. A distribuição por religião pode ser vista abaixo:

Figura 7 Ciência psicológica e práticas religiosas como campos separados



“O psicólogo precisa ser neutro.” (P4, C, Espírita).

“Quando você mistura ciência e religião a práxis psicológica se torna pessoal e deixa de ser voltada para o paciente [...] de forma que pode ocorrer o processo de transferência deixando de ser neutro.” (P6, C, Católico).

“Se for demanda do paciente, o psicólogo é obrigado a lidar com estas questões.” (P10, C, Antirreligioso).

“Os saberes interagem. No entanto, não devem ser confundidos.” (P11, C, Adventista).

“Penso que, apesar de serem diferentes, seja possível o diálogo entre as duas práticas, o que, por sua vez, exige maturidade em diversos aspectos de quem se propõe. Jung é um bom exemplo disso.” (P8, NN, Sem Religião).

“Deve-se ter cuidado ao tratar das duas coisas. A psicologia não deve descartar a religião, mas deve-se ter cuidado para não haver preconceitos e intervenções tendenciosas.” (P5, NN, Espírita).

“Quando se busca entender o sujeito deve-se entender todos os níveis.” (P3, D, Antirreligioso).

“Acredito ser possível, para o psicólogo (religioso) integrar suas práticas religiosas e técnicas, sempre respeitando as crenças e os valores de quem atenda.” (P14, D, Sem Religião).

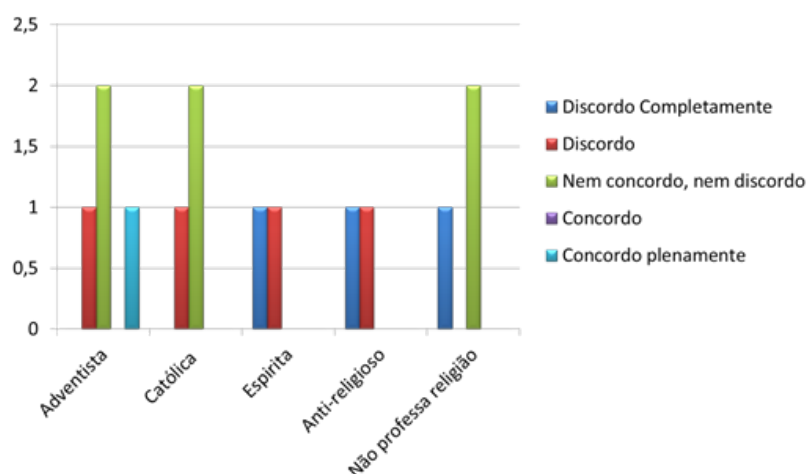
“A verdadeira ciência encontra seus princípios na verdadeira religião.” (P9, DC, Adventista).

A categoria de neutralidade do psicólogo surge aqui novamente para justificar a concordância com essa perspectiva de campos separados do conhecimento. Entre aqueles que nem concordam, nem discordam e aqueles que discordam, o que parece predominar é a perspectiva da possibilidade de interação e diálogo entre as crenças do terapeuta e a sua prática, e isso, mesmo da parte dos Sem Religião. Aparentemente, os religiosos estão mais preocupados na compartimentalização dos dois campos de saberes do que os não religiosos, o que pode ser explicado pelo fato de que em uma perspectiva não religiosa, é tomada como pressuposto a não influência da religião no processo terapêutico, daí não ser necessário se preocupar com essa interação. No caso dos psicólogos religiosos parece que há o entendimento da necessidade de uma vigilância, de um tomar cuidado, para que suas crenças religiosas não interfiram no processo de cura do paciente. Uma exceção a essa tendência de neutralidade é P9, o qual coloca a religião como o fundamento da verdadeira ciência, ou seja, uma visão predominante de integração. Sendo assim, o que parece predominar nessa análise das relações entre ciência psicologia e crença religiosa nesse item, é novamente a categoria da Independência.

- d) Há um aumento na eficácia da prática terapêutica quando há uma integração entre os princípios bíblicos/religiosos com as técnicas psicológicas ou psicoterápicas.

Nesse item claramente favorável a uma perspectiva de integração, predominou a resposta nem concordo, nem discordo (43%), em seguida o discordo (29%), discordo completamente (21%) e concordo completamente (7%). A distribuição por religião é apresentada abaixo:

Figura 8 Aumento na eficácia terapêutica da psicoterapia com o uso da religião



“Depende da circunstância. Em um paciente ateu é impossível se utilizar uma prática religiosa. Considero que a religião deve ser integrada à prática quando o paciente fala sobre essa questão.” (P1, NN, Católico).

“Esta variação está para a análise propositiva com o paciente. Tal mistura ‘pode’ comprometer o trabalho terapêutico transformando-o em uma sessão de aconselhamento bíblico.” (P2, NN, Adventista).

“Não, porque se a pessoa não tiver religião deve-se saber respeitá-la e trabalhar apenas com as práticas terapêuticas.” (P3, D, Antirreligioso).

“Psicologia é uma ciência. Nenhuma abordagem psicoterápica deve se pautar ou ser regida pela religião. Questões sobre religião devem ser trabalhadas na terapia caso surja como demanda do paciente, assim como qualquer outro conteúdo e não ser utilizada como técnica ou método de trabalho. Os assuntos não podem ser misturados.” (P5, DC, Espírita).

“Não acredito na afirmação, tomada como verdade, afinal, pode ou não aumentar a eficácia.” (P14, DC, Sem Religião).

“A qualquer terapia, quando são acrescentados os princípios bíblicos funciona melhor. A relação entre cura e espiritualidade é comprovada inclusive por muitos estudos.” (P9, CC, Adventista).

Diante desses comentários, percebe-se que a vontade e o desejo do paciente são considerados pelos psicólogos como o critério principal que vai definir a presença ou não das crenças religiosas no processo terapêutico, e isso tanto entre os que não concordam, nem discordam, quanto entre os que discordam completamente. Novamente, aqui há uma predominância de uma visão de Independência, exceto em P9, no qual é bem visível a sua perspectiva de integração.

PRÁTICA RELIGIOSA E SAÚDE MENTAL

O objetivo desta parte da pesquisa foi captar a perspectiva dos psicólogos sobre relações entre

ciência e religião a partir do seu posicionamento pessoal frente a situações específicas de tratamento para perturbações mentais. Diante da situação de uma paciente com transtornos mentais foram oferecidas aos psicólogos três tipos de opções terapêuticas que relacionavam a ciência com a religião, sobre as quais eles deveriam analisar e dar sua opinião. Na primeira alternativa de resposta, o papel do psicólogo é convencer o paciente de que seus problemas tem origem na religião e que, portanto ele deve se libertar de fonte de neuroses, ou seja, é predominante uma visão de conflito entre ciência psicológica e prática religiosa. Na segunda alternativa, a religião é mantida como um acessório que pode trazer alívio, mas a cura psíquica só pode ser encontrada na psicoterapia sem interferência das crenças religiosas, ou seja, é uma visão predominante de independência. Já na terceira alternativa, a fé do paciente é utilizada pelo psicólogo como fonte de cura mental, ou seja, é uma visão de integração entre o tratamento psicoterápico e a crença do paciente.

Caso - As vozes do Além

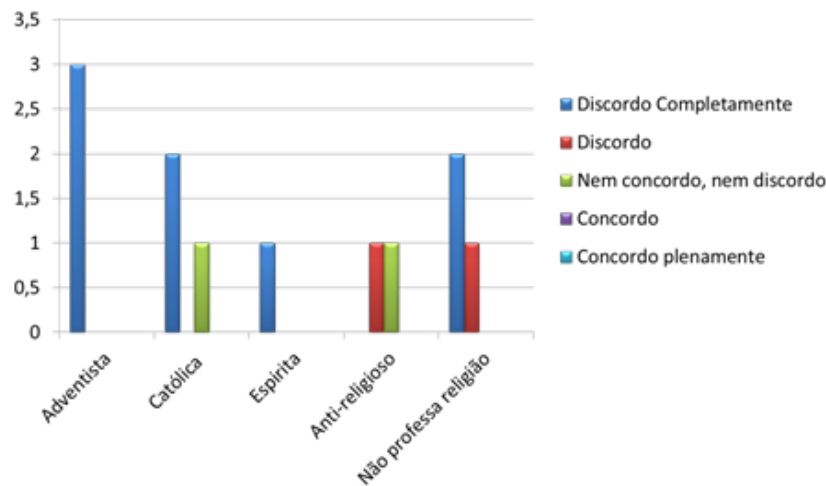
Bete é uma paciente de 27 anos e que aos 20 teve o seu primeiro surto psicótico, abandonou hábitos de higiene pessoal, ouvia vozes de “demônios” e batia-se contra móveis e paredes, necessitando de 5 homens para segurá-la. Foi internada e com a ajuda de medicamentos voltou ao normal. Converteu-se a uma religião, porém, continuava a ouvir vozes de “demônios”. O quadro patológico definido pela psicologia foi de esquizofrenia, mas a depender da religião adotada por Bete, esta seria classificada como possuída por demônios e seria submetida a sessões de descarrego, rituais, banhos ou situações constrangedoras.

Diante da apresentação do caso, os psicólogos foram instados a analisar as alternativas e dar sua opinião sobre as atitudes do psicólogo, propondo ao paciente uma solução para as perturbações mentais de Bete.

A – ênfase no Conflito - Tendo em vista que a religião é uma neurose obsessiva, é importante mostrar ao paciente a relação prejudicial de suas práticas religiosas para com sua saúde mental e ao compreender isso, o paciente notará que a causa de seus sofrimentos está diretamente ligada à sua religião e poderá então se desvincular da mesma, já que esta não seria uma solução, mas sim, uma forma de mascarar seus problemas.

Na resposta a este item, a maioria absoluta (67%) discorda completamente, 17% nem concorda, nem discorda e 16% discorda, ou seja, ninguém concordou ou concordou plenamente com o enunciado da alternativa A. Sendo assim, a distribuição por opção religiosa pode ser vista no gráfico abaixo:

Figura 9 Psicólogo incentiva o abandono da religião por parte do paciente



As respostas dos psicólogos apontaram para duas questões principais presentes na primeira alternativa: a) a afirmação de que a religião seja uma neurose obsessiva e b) o papel da religião no desencadeamento das crises de Bete.

“A afirmação de que a religião é uma neurose obsessiva é no mínimo preconceituosa já que o conceito de religião e seus pressupostos (relação com o transcendente, pecado, etc.) são aceitos ou rejeitados dependendo da abordagem teórica (Jung x Freud).” (P2, DC, Adventista).

“O psicólogo deve tentar entender as crenças dos seus pacientes e refletir sobre como elas configuram a identidade dos indivíduos. O psicólogo não tem que demonstrar a ‘relação prejudicial’, até que porque se este componente se apresenta no indivíduo é porque ele também exerce uma função importante para a regulação do paciente. Eu também não diria que a religião é uma neurose.” (P1, DC, Católica).

“Não é possível (nem desejável) impor ao paciente uma visão prejudicial da religião; é possível trabalhar neste caso sem, a priori, questionar as práticas religiosas. A terapia poderá ajudá-lo a reconhecer os prejuízos (caso existam!) com o tempo. Além disso, a desvinculação com a religião pode causar-lhe maior sofrimento, além de isolamento social, rompimento de vínculos importantes e etc.” (P14, DC, Sem Religião).

“Religião é crença. Não cabe ao psicólogo apontar se há um certo ou erro no meio religioso. [deve] refletir junto ao paciente as causas.” (P13, D, Antirreligioso).

As justificativas apresentadas podem ser sintetizadas nas seguintes afirmações: a) A primeira parte da pergunta (a) é preconceituosa; b) A religião não é uma neurose; c) Não é papel da psicologia/psicólogo apontar/impor uma visão negativa sobre a religião do mesmo.

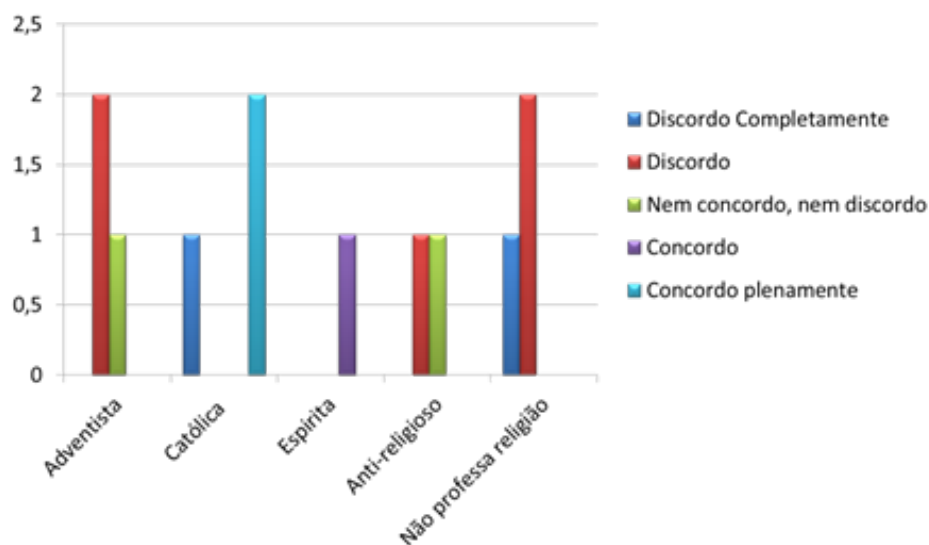
Os que responderam nem concordo, nem discordo, apontaram a falta de informações do enunciado para poderem tomar um posicionamento. Podemos observar que a discordância da maioria dos psicólogos entrevistados com uma alternativa de teor nitidamente conflitivo entre a ciência psicoló-

gica e a crença religiosa é uma indicação da presença de uma estratégia para evitar o conflito. Isto está de acordo com o que Barbour (2000, p. 37) afirma sobre a categoria da independência, “[...] é uma estratégia útil para responder aos que dizem que o conflito é inevitável. A religião de fato possui métodos, questões e funções característicos, distintos daqueles da ciência.” No entanto, ele também nos faz lembrar que: “*A compartimentalização evita o conflito, mas ao preço de impedir qualquer interação construtiva.*” (p. 14).

B – ênfase na Independência - o Tal paciente pode continuar frequentando sua religião, sabendo que ela pode lhe trazer certo tipo de conforto, porém tendo a consciência de que suas perturbações só poderão ser resolvidas através de sessões de psicoterapia a serem realizadas por um profissional qualificado (psicólogo), já que somente através da aplicação de técnicas científicas e sem interferências religiosas o paciente obterá alívio de suas angústias.

Em relação à alternativa B, 41% discordam, 17% discordam completamente, 17% nem concordam, nem discordam, 8% concordam e 17% concordam completamente. A distribuição em função da opção religiosa pode ser vista abaixo:

Figura 10 Religião pode ser mantida, mas a cura mental vem através da psicoterapia



“*Não há possibilidade de uma não influência religiosa sobre a visão do paciente, o que obviamente influencia na sua percepção da doença bem como na expectativa de cura. Em alguns casos a religião pode ser um auxílio eficaz à cura.*” (P2, D, Adventista).

“*Tem que haver uma ligação. Para as práticas científicas terem soluções tem que se integrar às práticas religiosas também. Respeitar o paciente pelas decisões religiosas escolhidas por ele.*” (P3, D, Antirreligioso).

“*Acredito que, em certos casos, a religião pode contribuir com a transformação e melhora das pessoas com transtorno mental. Não acredito que apenas a psicoterapia seja recurso para o trabalho*

com saúde mental.” (P14, DC, Sem Religião).

“O tratamento do paciente deve incorporar os grupos dos quais ele faz parte: família, amigos, religião, faz bem ao paciente, ela deve ser mantida. O tratamento do esquizofrênico também necessita de interação medicamentosa.” (P1, DC, Católica).

“Deus pode promover a cura do paciente mesmo sem que ele vá ao terapeuta. Mas também concedeu sabedoria ao homem para ajudar pessoas com tais tipos de dificuldades.” (P9, NN, Adventista).

“O trabalho na terapia só pode ser realizado em cima dos conhecimentos científicos de psicologia, o que não impede a pessoa de ter qualquer outro tipo de ajuda religiosa fora do setting terapêutico.” (P5, C, Espírita).

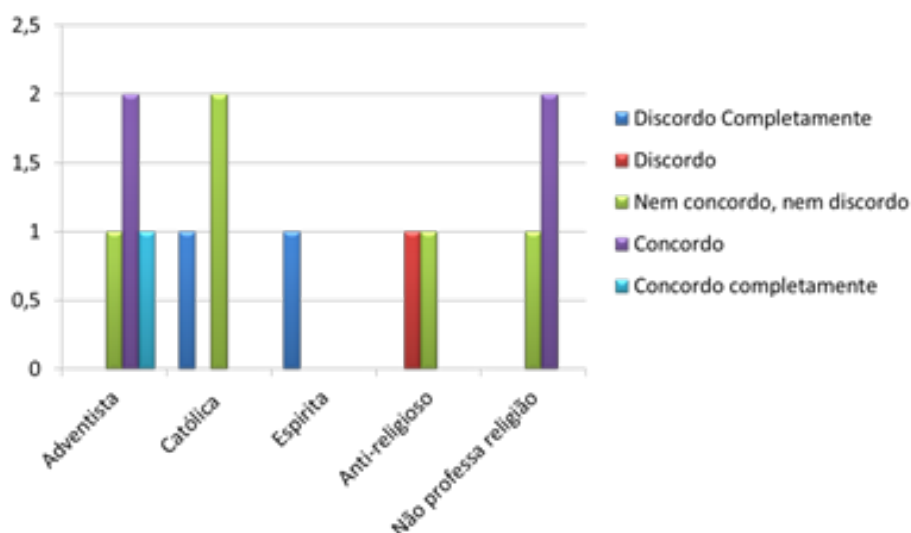
“A religião tem seu espaço assim como a psicologia tem o seu.” (P13, CC, Católico).

Diante de uma alternativa que foi elaborada para tentar transmitir uma ideia de independência entre crença religiosa e prática terapêutica, os que discordaram completamente e que discordaram (58%) apontaram para a possibilidade/necessidade de integração entre a terapia e a crença religiosa, até mesmo pela impossibilidade de se isolar o vetor religioso na prática terapêutica e da necessidade de integrar os grupos sociais/contextos vivenciados pelo paciente na terapia, e essa perspectiva foi apresentada independente de opção religiosa (mesmo os sem religião e antirreligiosos aderiram). Aqueles, porém, que nem concordaram, nem discordaram e os que concordaram e concordaram completamente (42%) destacaram o papel independente que cada instância (religião e psicoterapia) pode desempenhar na cura do paciente.

C – Ênfase na Integração - Entendo que juntamente com a terapia, a religião do paciente poderá ser um canal a ser utilizado na busca da melhora do aspecto emocional do mesmo, pois para o sucesso do tratamento, é essencial a presença de um componente comum à religião e à terapia: a fé, pois a fé religiosa ajudará o paciente a acreditar no sucesso do tratamento psicoterápico.

No item “c” 38% nem concordam, nem discordam, 31% concordam, 15% discordam completamente, 8% discordam e 8% concordam completamente. O gráfico em função da opção religiosa pode ser visto abaixo:

Figura 11 Psicólogo utilizando a religião na psicoterapia



Algumas das justificativas dos entrevistados podem ser vistas a:

“O paciente precisa ter fé em si mesmo e no seu tratamento, e essa fé difere da fé religiosa em questão.” (P10, NN, Antirreligioso).

“Acredito que a religião e a psicologia podem ‘andar’ juntas, mas sem interferir no caminho da outra. A religião trabalhada, exercida na igreja e as questões psíquicas no setting do psicólogo.” (P13, NN, Católica).

“A fé poderá sim contribuir bastante. No entanto, a fé e a espiritualidade, do meu ponto de vista, não estão necessariamente condicionados/vinculados a uma religião.” (P14, C, Sem Religião).

“Não acredito que seja essencial a presença de um componente comum que engloba a terapia e a religião.” (P1, DC, Católica).

“Usar a religião como um canal de comunicação (um assunto) a ser tratado, tudo bem. No entanto, não faz sentido a fé em relação aos métodos e abordagens psicoterápicas.” (P5, DC, Espírita).

“Tenho atendido pessoas que não tem fé, pois não é possível assegurar ao paciente que ele só terá cura se tiver fé.” (P3, D, Antirreligioso).

“Hoje vários estudos já têm demonstrado a eficácia da religião na cura ou melhora de várias doenças, inclusive mentais e na promoção da saúde.” (P9, CC, Adventista.)

Em uma alternativa que favorecia a perspectiva de integração entre ciência psicológica e crença religiosa, aqueles que concordam e concordam completamente somam (39%) e os que discordam completamente e que discordam (23%) , no entanto, como as principais razões dos que não concordam, nem discordam foram em direção a uma separação entre crença religiosa e prática terapêutica, entende-se que o peso das respostas desse item tende para a categoria da independência.

Isso pode ser observado através das principais ideias presentes nas justificativas, as quais

podem ser sumarizadas nos seguintes pontos: a) Ênfase nas diferenças entre a crença religiosa e a crença na eficácia do tratamento terapêutico, ou seja, existência de diferenças entre a fé religiosa e a fé na ciência; b) Necessidade de não interferência entre essas duas instâncias; c) Fé e espiritualidade são úteis, no entanto, essas duas categorias prescindem de religião. A única exceção a essa tendência de Independência foi o P9, para o qual a ciência confirma o papel positivo da religião na cura mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos como os psicólogos percebem as relações entre a ciência psicológica e as crenças religiosas, pode-se concluir que entre as três perspectivas enfatizadas pelas questões: Conflito, Independência e Integração, é bastante destacada a predominância do modelo da Independência tanto pelos psicólogos religiosos, quanto pelos não religiosos e antirreligiosos. A categoria da Integração também surge, mas com menor força, e ela também é enfatizada até mesmo pelos não religiosos. Parece que há uma clara rejeição da categoria do conflito por parte de todos os estratos entrevistados, o que demonstra que a narrativa do conflito que coloca as práticas da ciência versus as crenças religiosas tem pouca aderência entre os psicólogos.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1970.
- BARBOUR, G. Ian. **Quando a ciência encontra a religião**. Tradução Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BARROS, AJP; LEHFELD, NAS. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas**. 13. ed. Petrópolis: Vozes; 1990.
- BASTIDE, R. **Sociologia das doenças mentais**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1967.
- HAUGHT, J. F. **Science & religion: From conflict to conversation**. New York: The Paulist Press, 1995.
- HUTSEBAUT, D. & VERHOEVEN, D. The adolescents' representation of God from age 12 until age 15. In **Proceedings of the fourth symposium on the psychology of religion in Europe** (pp. 147-156). Nijmegen: University of Nijmegen, The Netherlands, 1989.
- _____. The adolescents' representation of God from age 12 until age 18: Changes or evolution? **Journal of Empirical Theology**, 4, 59-73, 1991.
- JANSSEN, J., HART, J. & DEN DRAAK, C. Praying practices of Dutch youth. **Journal for the Scientific Study of Religion**, 29, 99-107.
- LARSON, E. J. & WITHAM, L. (1997). **Scientists are still keeping the faith**. *Nature*, 386, 435-436.

LEUBA, J. H. **The belief in God and immortality: A psychological, anthropological and statistical study.** Boston: Sherman, French & Co., 1916.

NINA RODRIGUES, R. - A loucura epidêmica de Canudos: Antônio Conselheiro e os jagunços. Revista Brasileira, 1897. Reproduzido em Nina Rodrigues, R. [Links] **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental** 3(2):145-157, 2000. [Links]

NINA RODRIGUES, R. - Abasia coeiforme epidêmica no norte do Brasil. Brazil-Médico, 1890. Reproduzido em Nina Rodrigues, R. [Links] **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental** 6(4):145-156, 2003. [Links]

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica.** Projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 2001.

PAIVA, Geraldo José de. Algumas relações entre psicologia e religião. **Psicologia-USP**, São Paulo, 1(1):25-33, 1990.

_____. **A religião dos cientistas: uma leitura psicológica.** São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião.** São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Identidade e pluralismo: identidade religiosa em adeptos brasileiros de novas religiões japonesas.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 21-29, 2004.

_____. **Sincretismo e pós-modernidade na construção imaginária e simbólica da identidade religiosa no encontro entre cristianismo e budismo** (relatório ao CNPq de Bolsa de Produtividade, nº 300791/91-7), 2005.

_____. **Ciência, Religião, Psicologia: Conhecimento e Comportamento.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2002, 15(3), pp. 561-567.

RAYES, Isabel FC; CARVALHO, João Eduardo Coin de. Ausência de conflitos: relação entre religião e ciência na formação universitária. **Revista neurociências** 2005, 13(3) jul/set, 128-132.